

MÁSCARAS, TOALHAS E VAPOR: ESPAÇOS E SUBJETIVIDADES NA SAUNA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 EM FORTALEZA-CE¹

Walisson Angélico de Araújo

Mestrando do Curso de Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, walissonangelico@gmail.com.

Ribamar José de Oliveira Junior

Doutorando do Curso de Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, ribamar@ufrj.br.

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as experiências de pessoas LGBTQIA+² nos espaços de sauna na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Para tanto, utilizamos a perspectiva metodológica da netnografia a partir da coleta de dados extraídos e analisados pelas entrevistas *on-line* e pelo caderno de campo em ambientes virtuais, levando em consideração as experiências vivenciadas, entre os anos de 2017 a 2019, pelo primeiro pesquisador no auxílio da compreensão desta análise. Entre máscaras e toalhas, refletimos sobre a produção de subjetividades de três pessoas, dois homens cis homossexuais e uma mulher trans não-binária, que frequentam os ambientes das saunas há aproximadamente cinco anos, com foco na experiência durante os efeitos da pandemia, entre os meses de março de 2020 a março de 2021. Desse modo,

1 Trabalho produzido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

2 LGBTQIA+ é a sigla utilizada para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, *queer*, intersexuais e assexuais. O sinal + procura alcançar a reverberação das dissidências sexuais e de gênero nos contextos específicos.

percebemos que os espaços como a sauna, a boate, o bar, os banheiros, a *dark room* e os corredores, assim como, as relações dos corpos através das práticas dissidentes, articulam formas não só de subverter os usos espaciais, mas de transformar os sentidos do desejo pela dissidência. Ao levar em consideração o que seria uma crítica *fisting*, do ponto de vista do exercício erótico de uma análise explícita, articulamos a produção do risco em uma dimensão subjetiva de negociações do prazer em tempos de higienização dos corpos e de crise sanitária, na medida em que as experiências das pessoas interlocutoras revelam dinâmicas que escapam o desejo para além do *lockdown*.

Palavras-chave: Subjetividade, Comunicação, Gênero e Sexualidade, Desejo, Corpo.

De quando entrei na *dark room*

De fora, “aberto 24h!”. De dentro, trazemos o percurso pelo hotel-sauna desde a entrada, são três opções diferentes: armário, quarto e suíte, qual você escolheria? Logo após a entrada, você chega nos armários, onde você recebe uma toalha e um par de chinelas. Vamos a *tour*. Depois da entrada, o vestiário fica logo no início, onde estão os armários, em seguida, a boate, o bar e o espaço com mesas e cadeiras dispostas. Logo mais, seguindo em frente, banheiro com duchas compartilhadas, mictórios e uma luz mais tênue que já permite pensar em prazeres e fetiches, sendo uma mistura entre o cheiro de sexo e de desinfetante – que para Walisson, no primeiro momento houve uma profusão do medo ao desejo de viver aquelas experiências –, o espaço possui alguns outros banheiros distribuídos pelos dois andares. Em seguida, vêm as salas com poltronas para quem deseja assistir vídeos pornográficos, uma localizada no térreo e outra no primeiro piso. Ao subir as escadas, a mágica acontece. Duas saunas, uma a vapor e outra seca. Na seca, a diversão parece ser maior e a busca pelo prazer são vivenciados no escuro que permite apenas a percepção da sombra e dos corpos que almejam o gozo, do sexo entre duas pessoas, surubas, oral ou apenas masturbação: tudo pode acontecer.

Percorrendo entre locais com baixa iluminação, ao passar pelos corredores, gemidos e sonografias do prazer são emitidos pelos corpos que transam nos espaços – para quem não pagou pelo quarto individual ou pela suíte, existem cubículos de madeira com portas, ambientes com um base de madeira disponível, como uma cama, que não impede que experiências distintas possam ocorrer. No trajeto para o *dark room*, espaço de mistérios, corpos se deslocam de um lado para o outro, em um labirinto formado por bifurcações e caminhos que permitem percorrer as rotas do local – na primeira vez de Walisson, foi como estar perdido em uma Medina marroquina que nem *Google Maps* auxiliaria a se achar, sendo necessário andanças pelo espaço, configurando e delineando ambiências e percepções. Entre toques, olhares e corpos que sensualizam pelos corredores, ao final, o fumódromo. Assim acaba a nossa *tour*.

Quando se arrisca a negociação do prazer na sauna, é como se o local se mimetizasse em *playground*, você brinca e quer mais,

independente do medo. Walisson destaca que depois da primeira ida, para ele, o gozo parece ser o ápice que nos dá a percepção de quase morte e fuga do cotidiano, pois ao mesmo tempo que existe o receio de que algo possa acontecer, o prazer parece falar mais alto em um espaço de fricções entre os corpos. Entre vapores, toalhas, máscaras e preservativos, percebemos que impedimentos sociais não alcançam o fio do gozo. Dessa forma, as experiências vividas por Walisson Araújo, entre 2017 e 2019, foram o *start* condutor da pesquisa e, de certa forma, embasam o repertório de reflexões na imersão do campo entre as entrevistas com as pessoas interlocutoras, o que se aproxima das “observações livres” em Perlongher (1987).

Netnografias na trama do desejo

Diante da ferramenta metodológica da netnografia a partir do pensamento de Kozinets (2014), extraímos dados por meio da realização de entrevistas semiestruturadas que auxiliaram na reflexão sobre a produção de subjetividade das três pessoas interlocutoras, dois homens cis homossexuais e uma mulher trans não-binária que frequentam os ambientes das saunas há pelo menos cinco anos. No caso, as entrevistas foram aplicadas na plataforma *Google Meet* e na rede social *WhatsApp*, tendo em vista o isolamento social e as medidas de restrição da pandemia, cada encontro teve uma média de duração entre 10 e 30 minutos. Foi realizado um primeiro contato *on-line*, mediante as interações em *off-line* que o primeiro pesquisador já tinha pela vivência nesses espaços. Assim, como aponta Kozinets (2014), utilizamos os procedimentos de dados extraídos e de dados de notas de campo, nas quais a primeira consiste na coleta por meio do pesquisador que cria uma interação com os membros das comunidades através das entrevistas realizadas, enquanto a segunda consiste em trazer notas de campo experienciadas na pesquisa, sobretudo, no que diz respeito às práticas e o senso de afiliação ao grupo analisado.

Na análise de dados, transformamos o material coletado da participação e da observação netnográfica com a transcrição das entrevistas *on-line* em uma versão articulada da pesquisa para apresentação. Desse modo, seguimos o horizonte ético da netnografia, segundo Kozinets (2014), de nos identificarmos e informarmos os

aspectos relevantes da pesquisa, pedimos permissões³ para realização e apontamos a relevância do trabalho desenvolvido para as pessoas interlocutoras. Dessa forma, ao levarmos em consideração o que a autora Díaz-Benítez (2007) traz pela prática etnográfica, diante do que pode ser “dito” pelas pessoas interlocutoras, sobretudo, pelo próprio significado das palavras no contexto em que o primeiro pesquisador experienciou, buscamos refletir sobre o que dizem as pessoas interlocutoras.

Por isso, vale mencionarmos a perspectiva de Braz (2010) pela forma como os percursos dos interlocutores se materializam no texto, no sentido das áreas das práticas e do controle dos atos corporais pelos limiares do desejável e do indesejável. Nesse sentido, pelo fato do primeiro pesquisador já ter frequentado e ser reconhecido como homossexual pelos interlocutores, pela forma como ele se identifica, não houve uma produção incisiva dos marcadores que materializam a dúvida de quem de fato é o pesquisador interessado no campo de pesquisa, pois a própria posição de onde Walisson estava falando entrava em sintonia com que estava sendo dito, na facilidade do próprio diálogo.

Derivas, expressões e movimentos no dito

Através dos aportes teórico-metodológicos dos autores que traçam um percurso pelas reflexões sobre desejo, corpo e prazer, esboçamos a pesquisa de modo parcial no sentido de compreendermos o bojo teórico a partir dos dados metodológicos obtidos ao lado das pessoas interlocutoras. Nesse sentido, tomamos as reflexões de Perlongher (1987) a partir das interações e das trocas nos espaços, sobretudo, por meio do contexto organizacional do acaso e dos lugares de código que se atualizam a cada contato em seus movimentos de deriva. “O campo de circulações se urde em territórios mais ou menos circunscritos cujos focos são tanto bares, boates, cinemas e outras opções de lazer consumista (...)” (PERLONGHER, 1987, p. 24). Assim, o que aparece como circulação desejante por meio das transações

3 Diante disso, formalizamos um TCLE que foi assinado, as pessoas interlocutoras foram citadas de modo anônimo.

opera nas relações das saunas pelas redes de sinais, como um deslocamento dos sujeitos por um modo codificado.

No caso, o que Costa Neto (2005) aponta sobre os encontros sexuais pelo local, pelas posições e pelo ato da prática oferece um horizonte possível de reflexões sobre o *habitué* diante do sexo em público e dos espaços de encontro sexuais. “As práticas sexuais em ambientes públicos podem agregar pessoas sem ter as implicações de um contato demorado num certo período de tempo” (COSTA NETO, 2005, p. 17). Assim, pelo que dizem os interlocutores é possível articular a sauna a partir de um local de intimidades específicas, na medida que o ato sexual em si pode ser partilhado pelos demais. O que faz a sauna são os percursos dos *habitués* naquele espaço, a partir dos sentidos da “pegação” mobilizados pelo prazer. Diante do que Paiva (2007) reflete a partir dos processos subjetivos e da experimentação no olhar para a experiência pela intimidade, apontamos a questão das micropolíticas das vidas diante de uma ética da reserva do prazer. Assim, vale questionarmos sobre quais são as “experimentações, que devires, quais ‘novos’ modos de vida vão se configurando?” (PAIVA, 2007, p. 279), pois ao mencionarmos as modalidades relacionais das sauna, pensamos as transações erótico-afetivas nas espacialidades diversas do local.

“No *dark room*, os gestos que os indivíduos efetuam são essenciais para estruturar as relações; por meio deles se organizam formas particulares de negociação e distribuição dos papéis que permitem realizar o ritual satisfatoriamente” (DIÁZ-BENÍTEZ, 2007, p. 104). No que diz respeito aos encontros sexuais ocasionais, Diáz-Benítez (2007) pontua sobre o próprio ritmo dos espaços e do desejo pelas expressões e pelos movimentos do ritual no *dark room*, sendo a sauna um espaço tido como masculino. Como menciona a autora, “a paquera, quer se esteja dançando ou não, começa com os olhares, dificilmente com os toques ou sarrações. Olhar é o ponto-chave” (DIÁZ-BENÍTEZ, 2007, p. 102). Desse modo, mencionamos a forma como a *dark room* opera por uma intenção explícita, na medida que a densidade da escuridão não só faz parte da estrutura do ritual, mas é a própria estrutura que condiciona o ritual.

Assim, é interessante perceber se para a abordagem de Braz (2010) os clubes para sexo aparecem em espaços tidos como bares, as saunas aparecem nomeadas como hotéis. “Nesse sentido, a experiência corporal (porque, sobretudo, perceptiva) dos sujeitos estudados

e também do/a antropólogo/a pode ser alçada à categoria de método de pesquisa” (BRAZ, 2010, p. 145). De tal modo, a forma como as pessoas interlocutoras parecem negociar a visibilidade entra em sintonia com o que Miskolci (2014) traz pela agência e pelo desejo. Até porque, “o desejo não vem de dentro de um sujeito dado, tampouco é imposto por algum aparato externo a ele. O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade sendo moldado na interação social” (MISKOLCI, 2017, p. 19). Por isso, manter a vida afetivo-sexual na sauna em segredo, como articulamos entre as pessoas entrevistadas, não aparece como escolha individual, mas sim uma imposição coletiva incorporada muitas vezes individualmente, pela forma com que os indivíduos podem ser vistos e classificados socialmente. De tal modo, um regime de visibilidade é um regime de conhecimento, na medida que existem fronteiras entre o visto, o dito e o reconhecido. De certa forma, o que Santos e Pereira (2016) situam pela economia do desejo nas saunas aparece em diálogo com o que Miskolci (2017) aponta por economia moral na agência do sujeito desejante homossexual. “Afim, por que o desejo homossexual continua a ser sinônimo de segredo?” (MISKOLCI, 2017, p. 38).

No sentido do que discutem Santos e Pereira (2016) sobre as exposições e as posturas na nudez e no traje da toalha, apontamos os significados que atravessam as práticas por meio das interações. Assim, “um desses significados é o de que se está à busca de interação, de relacionamentos, de contato com algum rapaz e de prática de sexo. Tanto a toalha quanto o corpo nu demonstram disposição e prontidão para novas relações e interações” (SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 135). Desse modo, os autores discutem que os homens vão às saunas para assistir a *shows*, conversarem, admirarem corpos e, acima de tudo, estabelecerem relações sexuais, cada signo transmitido permeia corporificações. Sem dúvidas, o debate de Oliveira (2016) em torno do circuito de trocas eróticas, afetivas e sexuais da pegação dialoga com o que Barreto (2017) aponta sobre os corredores da sauna. Por isso, tomamos a categoria *boy* como possibilidade de experimentação, a exemplo de como se referem as pessoas interlocutoras com os envolvidos ao lado dos homens na sauna. Assim como Barreto (2017) destaca no seu trabalho, diante da forma como pode ter sido lido no campo a partir do seu próprio desejo, da sua corporalidade, apontamos a posição similar dele com Walisson nesta pesquisa.

De fato, o espaço e a arquitetura parecem operar como tecnologias de gênero e sexualidade na pesquisa e operam em ressonância com o que Maia (2018) aponta sobre a produção dos prazeres e dos corpos. A sauna pode ser vista como um espaço de projeção clandestina de encontros dissidentes sexuais e como um ambiente de permissividade. No ponto que traz Valentim (2019) sobre o trabalho de Maia (2018) em uma leitura erótica de uma crítica *fisting*, visamos refletir sobre o explícito em tempos de pandemia. “Assim, a ideia de uma crítica *fisting*, de um exercício crítico eroticamente pensado e prazeroso, de uma análise aberta e explícita, sem rodeios” (VALENTIM, 2019, p. 456), dialoga com a proposta da análise das saunas, sobretudo, quando os espaços que produzem e engendram o desejo estão marcados até o dobro pela noção de risco pelos efeitos da pandemia da Covid-19. As saunas podem ser vistas “em um só lugar real [de] vários espaços, vários posicionamentos, que são em si mesmos incompatíveis” (MAIA, 2018, p. 134). E, em tempos de higienização e isolamento social, o tempo pode não ser medido pelo relógio, mas pela quantidade de gozos e de toques.

Toalhas, vapores e desejo

Ao levarmos em consideração o que as pessoas interlocutoras trouxeram a partir dos seus percursos pelos corredores da sauna, tomamos como horizonte o que chamamos de política do olhar nos espaços de desejo. No caso, a primeira ida ao ambiente é tida como estranha por conta do medo ao lado do desejo, como se um fosse sobreposto ao outro, na medida em que olhar encontra no movimento de deriva um ponto de afetação. Porém, o local também se torna outro depois do primeiro olhar, talvez fosse possível falar no que há de “imaculado” no olhar movido pelo desejo. O que começa do olhar também ganha corpo por meio do medo dos olhares fora da sauna, como foi possível perceber com o receio de quem frequenta ser visto ou ser descoberto pelo prazer no ato de ir à sauna, por conta da profissão e das outras questões afetivo-sexuais que atravessam a busca por parceiros. Vale ressaltar que duas das pessoas (Entrevistados 1 e 3) não nasceram em Fortaleza, mas já residem há alguns anos por lá, já a Entrevistada 2 mora em uma cidade do interior do estado que está a cerca de 8 horas de distância da capital cearense.

No começo, as práticas são iniciadas pela primeira etapa do olhar. Após o que assenta diretamente no corpo que olha, na medida que comporta o toque do outro corpo que deseja, acontece uma segunda etapa da excitação, quando as pessoas fazem da visão um movimento do tato. Na terceira etapa, o gozo se dá pelo que dá língua ao prazer, talvez pelo palatável do gosto do desejo, pelo contato com os fluidos corporais, como a saliva do beijo ou o sêmen do gozo. Mesmo que o intuito principal seja o sexo, existem outras formas de interações, como conversas que não acabam no ato em si, a exemplo das relações do fumódromo. Disputando espaços, os corpos procuram um lugar que tanto comporte como que vazze o desejo. O primeiro entrevistado frequentou por cerca de três anos o espaço e já não o utiliza desde o final de 2019; a segunda entrevistada começou a frequentar há cerca de oito meses, sendo que a sua primeira vez foi em setembro do ano de 2020; e o último frequentador possui uma experiência há cerca de três anos no espaço, tendo frequentado a sauna algumas vezes durante a pandemia.

Nesse sentido, o primeiro entrevistado começou a frequentar a sauna em 2016 quando cursava faculdade em Fortaleza, cidade em que morava desde 2010. Logo nos momentos iniciais da entrevista, ele destaca que as formalidades da profissão eram um impasse diante da exposição na sauna, já que na época frequentava quase todos os finais de semana. Há quase dois anos ele não frequenta mais e, ao iniciar a pandemia, parou completamente. A última vez que foi na sauna foi em 2019. No entanto, ele lembra que na pandemia o espaço funcionou abertamente, apenas nos períodos de *lockdown* completo que não abriu as portas. “Era natural, era só sexo, gozava e saía atrás de outro”⁴, explica quando perguntado sobre os primeiros contatos da sauna. Dos anos de 2016 a 2017, ele frequentava finais de semana intercalados, inclusive Walisson relembra dos encontros esporádicos com o Entrevistado 1 no local.

Após formado, ele conta que diminuiu a frequência na sauna, indo de dois em dois meses ou de três em três meses. Pelo fato de se reconhecer como gay e ser profissional de uma área que ainda carrega tabus em relação à sexualidade, ele conta que teve que silenciar

4 Entrevista concedida para Walisson Angélico de Araújo dia 15 de março de 2021 via *Google Meet*.

a forma como vivenciava o desejo por conta da estereotipagem em torno do preconceito com quem frequenta os espaços, uma vez que a redundância na promiscuidade e a discriminação das doenças sexualmente transmissíveis ainda revelam dinâmicas pela forma como ele pode ser visto profissionalmente. “É uma diversão, sexo fácil que eu estou a fim, vou e faço. É acessível para as pessoas, você acaba interagindo com pessoas que você talvez nunca teria contato”, diz diante das relações em torno do desejo na sauna. Inclusive, existem estratégias de invisibilidade do espaço para camuflar a identificação dos indivíduos, quando o registro da compra do *ticket* de entrada do espaço é registrado como empresa no setor de hotelaria, sendo reconhecido como hotel e sauna. Ele diz que os próprios frequentadores carregam tabus ao falarem sobre a sauna.

Segundo o Entrevistado 1, durante a pandemia o espaço ainda ficou 6 meses fechado, mas em boa parte do ano estava em funcionamento normal e quase no mesmo fluxo de sempre, após a reabertura gradual do comércio não teve nenhuma mudança. O *dark room* para ele é o local em que produz mais engajamento dentro do espaço da sauna, pois naquele momento após a chegada na sala escura ocorre somente a busca por prazer. “Não importa quem seja e por ser um local escuro, eu não vou estar julgando os estereótipos que são impostos pela sociedade”, diz ao mencionar apenas a busca pelo desejo no ponto cego do prazer. O Entrevistado 1 conta que assim que entra no local já segue diretamente para o *dark room*. Desse modo, cada espaço da sauna revela a partir das subjetivações modos de relações, pois alguns lugares são para muita conversa e pouco sexo enquanto outros lugares são para muito sexo e poucas palavras.

Como fuga do real, o Entrevistado 1 conta que utiliza a sauna como transgressão dos limites e das normas. Para ele, a ambiência da sauna aparece como um espaço de romper as imposições colocadas ao desejo, tendo em vista que no seu cotidiano a profissão e a vida pessoal são condicionadas por um modo de vida específico, enquanto na sauna a busca pelo prazer aparece no que escorre no fluxo do desejo, entre as negociações e os riscos do momento. “Pessoas que você já viu em outros lugares e fora não te deram bola e dentro do espaço aconteceu o contrário. O espaço te possibilita a ver o outro lado de uma pessoa que tu jamais darias oportunidade”, conta. Por isso, as formas de visibilidade nas relações da sauna revelam a suspensão do que socialmente pode ser convencionado ao gozo. “Lá é

realmente a ‘caverna do dragão’. Lá você entra e eu, pelo menos, entro e não estou nem aí para o que vai acontecer”.

Se o Entrevistado 1 por um lado já prefere o *darkroom*, ele não frequenta tanto o espaço mais social do fumódromo, visto como o maior local de interação, seja pelo contato da fala sobreposto ao olhar, quando alguém pede um isqueiro ou cigarro, ou pelas falas que circulam ali pela temporalidade própria daquele momento ritual. “Não participo muitas vezes, mas escuto bastante. Na pista [de dança], pela altura da música, não é tão possível esse papo, algumas vezes é possível ver as turminhas dos amigos que vão juntos”, expõe. A pior parte do circuito de desejo das saunas, de acordo com ele, é a saída, pela vergonha ou pela humilhação de alguém vê-lo deixando aquele local. “A saída do espaço é terrível, você fica com vergonha das pessoas vendo você sair, você fica com medo do Uber estar lhe julgando, mas isso são coisas que a nossa sociedade já convencionou a ter vergonha, mas fora isso, é só isso o receio”, completa.

Assim, a Entrevistada 2, que se reconhece como mulher trans não-binária, frequenta o espaço há cerca de oito meses e foi a primeira vez em setembro de 2020, no meio da pandemia. Para ela, a experiência foi de surpresa, pois tinha uma visão preconceituosa do espaço, onde pensava que iria se deparar com uma espécie de fiscalização de um padrão estético normativo dos gêneros, dos corpos e das sexualidades, mas acabou encontrando uma multiplicidade de vontades constituídas por corpos diversos desejantes. Ao chegar a primeira vez e receber a toalha, a Entrevistada 2 diz ter ficado com muita vergonha e não querer expor o corpo, tendo em vista que já tinha negociado a sua entrada pela flexibilidade como presente o seu gênero. Assim, ela demorou a lidar com a nudez na toalha e conta que tentou tirar a roupa três vezes, mas ao vestir a peça de banho, acabou se sentindo constrangida e voltou a colocar as roupas. Ela explica que necessitou um tempo para se adaptar ao espaço para aproveitar as possibilidades, a começar pelo circuito do bar e da pista de dança. A partir dessas relações mais conversáveis e dançáveis, pôde vivenciar as experiências buscada naquele local. O espaço mais frequentado por ela é a pista de dança.

Pelo fato de residir a mais de 8 horas da cidade de Fortaleza, ela conta que não costuma muito frequentar as saunas. Diante dos contatos que teve, explica que a troca de olhares, os toques, os gestos e a fala são algumas formas de negociações que ocorrem, sendo a

“piscada” um gesto decisivo no flerte da paquera. “Geralmente, não tem essa forma muito abusiva, as pessoas que já estão lá se permitem a conhecerem outras pessoas e se envolverem”⁵, fala. Na pandemia, a Entrevistada 2 conta que as pessoas não se preocupam muito com a contaminação da Covid-19, apesar de chegarem de máscaras e utilizarem álcool em gel. Inclusive, algumas formas de contato mais preliminares como beijo antes do sexo seguiram em seu fluxo do desejo, por conta da própria exposição no local aglomerado e fechado. As pessoas usam as toalhas na cintura, mas não as máscaras no rosto. “Particularmente, dentro da sauna não mudou muita coisa, antes e com a pandemia, as pessoas acabam usufruindo das mesmas práticas que antes da Covid-19”, confessa ela.

Dessa forma, a Entrevistada 2 foi três vezes ao espaço durante a pandemia, nos meses de setembro, outubro e novembro. É interessante destacar no pensamento dela o fato paradoxal da suspensão do convencionalizado socialmente ter uma dupla bifurcação, da permissividade com a produção do risco e com a negociação do desejo. A Entrevistada 2 coloca a sauna como a “libertação dos corpos”. “Depois que eu comecei a frequentar, analisar, eu vi que não precisava ter toda essa estranheza. Para mim, a sauna é uma libertação dos corpos”, diz. Sobre esse tema, ela conta que quando procura o serviço de uma sauna, ela está procurando entretenimento e relacionamento com pessoas através do ponto de vista afetivo-sexual. “Então, quando eu falo a libertação dos corpos é porque quando você vai, você idealiza que lá só vai ter aquele homem normativo, padrão, e que são todos daquele padrão de beleza que a sociedade impõe hoje em dia, mas quando você chega lá você se depara com um outro cenário, é o cenário de diversidade, um cenário onde você encontra pessoas afeminadas, pessoas trans, pessoas altas baixas, gordas, magras, pretas, brancas e várias etnias, religiões, várias coisas”, ressalta ela.

No caso, a libertação dos corpos aparece para a Entrevistada 2 pela forma como corpos diversos transitam pelos corredores. “Sem nenhum pudor em relação aos seus corpos, eles andam de toalha, não têm vergonha dos seus corpos e conseguem ficar com pessoas lá, sem os tipos de preconceitos impostos”. Assim, ela destaca o fato

5 Entrevista concedida para Walisson Angélico de Araújo dia 16 de março de 2021 via *WhatsApp*.

de ter visto pessoas sadomasoquistas consentidas com as práticas, sendo exemplo da forma de como o corpo pode ser uma plataforma de prazer em cima do entretenimento da sauna, pelo o que ela conta. “É a desconstrução dos corpos e lá você não vai ser julgado por isso, lá é momentos, entretenimentos”, explica. Desse modo, a forma como a Entrevistada 2 negocia a sua entrada na sauna enquanto ambiente para homens, a partir das nuances performativas do gênero no cerco da espacialidade, destacamos como as tecnologias de gênero engendradas pelo prazer produzem formas de subjetivação que ao mesmo tempo que reproduzem as lógicas binárias, afrouxam o binarismo em sua própria falha normativa. “É uma fuga da realidade sim, uma fuga de realidade da nossa vida”, finaliza.

Há três anos frequentando as saunas, o Entrevistado 3 conta que o seu primeiro momento no espaço foi de impacto, pois por ser de outro estado e de uma cidade pequena que não possuía lugares de consumo como a sauna, isso trouxe receio e/ou vergonha. Ele ficou de roupa pela primeira vez, apesar da curiosidade para entender como ocorriam as práticas ali. Apesar de frequentador, ele destaca que a sua presença na sauna depende muito das circunstâncias. De fato, conta que somente quando não encontra o que chama de “sexo rápido” pelos aplicativos de busca de parceiros *on-line*, a exemplo do *Grindr*, acaba frequentando a sauna. A última vez que frequentou o espaço foi em novembro de 2020, não há uma parte específica da sauna que mais frequente, “todas, eu fico andando e vou... Fico no bar, vou para a pista dançar, vou explorar outros espaços, o fumódromo, acho que um pouco de tudo”⁶. Sobre os contatos na sauna, para ele, ocorrem primeiramente pelo olhar, o que depende da aceitação da pessoa no toque. Apesar disso, muitas vezes os “boys” possuem duas abordagens, uma que já chega no toque e outra que já perguntam algo antes do toque, a exemplo do convite: “vamos curtir?”. Quando ele conta pelo fato de ter visto alguns gays fora do “padrão” se sentirem confortáveis apenas de toalha, pode ter a ver com a política do olhar na sauna.

Diante disso, algo é importante para o Entrevistado 3, ele precisa antes de tudo sentir atração ou “cai fora”. Pelo fato dele considerar o ambiente da sauna pesado, diferentemente da Entrevistada 2, ele

6 Entrevista concedida para Walisson Angélico de Araújo dia 18 de março de 2021 via *WhatsApp*.

explica que procura o serviço em estado alterado. “Eu vou bêbada ou chapada, pois eu acho um ambiente muito pesado, aí preciso disso para me sentir mais a vontade, com menos vergonha, menos peso na consciência”. A partir dessa sensação de que o ambiente é pesado, ele diz que a forma como aquele espaço coloca para fora o que ele traz por “lado animalesco” aparece no reflexo das que são vistas “para externar essa libido à flor da pele”. Da mesma forma que o primeiro entrevistado, o Entrevistado 3 explica o receio em ser julgado por estar ali. “As pessoas te julgam pelo fato de estar ali, por isso que torço para não encontrar ninguém conhecido, por isso talvez seja melhor viver no anonimato pelo fato de ser visto como ‘depreciativo’ aos olhos da família tradicional brasileira e a população conservadora em geral”. Assim, na pandemia ele fala que não teve nada diferente, tudo normal nos contatos, “tinham algumas pessoas com máscara, era uns 10% ou até 15% mesmo, umas 5 pessoas com máscara, o resto tudo era sem máscara como se nada tivesse acontecendo, no sexo nada mudou”, finaliza.

No escuro continuaremos

Portanto, refletimos sobre a produção do risco e a negociação do prazer em saunas em tempos de pandemia com o objetivo de pensar a dimensão subjetiva do desejo pela forma como o corpo aparece entre a higienização e o gozo. A partir do relato das pessoas interlocutoras, abordamos a dinâmica que escapa o desejo para além do restritivo do *lockdown*, pois os espaços e as subjetividades fazem da sauna uma fuga para o que não comporta o prazer. Durante o período de *lockdown* a sauna fecha, porém, na reabertura gradual do comércio, o espaço retoma às atividades e as pessoas que frequentam encontram na bifurcação da suspensão das convenções sociais uma forma de escapar o desejo. O cuidado do espaço aparece apenas com o uso do álcool em gel e das camisinhas que estão dispostas pelo local.

Sendo assim, em disputa, a sauna é uma forma de fugir do real, aproximando o corpo da virtualidade da “caverna do dragão”, como uma realidade paralela, coexistente, que depois da entrada não há ensaio, apenas o leque de experiências expande além do *script* do cotidiano. De acordo com a análise das entrevistas, percebemos que pelo fato das normas sociais serem colocadas em suspensão, o espaço borra os riscos e o medo da Covid-19 na trama do desejo, dando

destaque para as negociações afetivas em viver o prazer e o gozo mesmo que exista a higienização da pandemia. Em relação ao que foi dito sobre a libertação dos corpos, destacamos que existe uma tensão nos padrões ao percebermos a pluralidade dos corpos e das relações na sauna, ainda que possam existir preconceitos em torno dos estereótipos no encontro afetivo-sexual do local. Portanto, talvez ainda seja preciso não apenas o primeiro pesquisador, mas também o segundo pesquisador adentrarem a temporalidade da sauna para continuar a escrita no escuro, no desafio de escrever com outras palavras o que não se expressa por letras.

Agradecimentos

Agradecemos as pessoas interlocutoras que fizeram dos seus percursos nas saunas uma forma de diálogo com o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Vamos fazer uma sacanagem gostosa?** Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: Editora UFF, 2017.

BRAZ, Camilo. “Mas agora confessa...?”: notas sobre clubes de sexo masculinos. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, v. 4, p. 127-156, 2010.

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros Públicos: Os bastidores das práticas sexuais.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. **Cadernos de Campo**, v. 16, n. 16, p. 93-112, 2007.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

MAIA, Helder Thiago. **Cine[mão]: espaços e subjetividades darkroom.** Salvador: Editora Devires, 2018.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas**, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. Um circuito chamado desejo: notas sobre os pontos de pegação em João Pessoa. **Política & Trabalho**, n. 44, p. 299-317, 2016.

PAIVA, Antonio Crístian S. **Reservados e invisíveis**: o *ethos* íntimo das parcerias homoeróticas. São Paulo: Pontes, 2007.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 133-154, 2016.

VALENTIM, Jorge Vicente. Cine[mão] e a crítica fisting de Helder Thiago Maia. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 11, p. 454-458, 2019.